

Os Sons da Cidade do Rio de Janeiro

A. Queiroz Rêgo^a

^a *Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Urbanismo, Rio de Janeiro, Brasil
queiroz.rego@pobox.com*

RESUMO: O estudo dos sons como forma de expressão cultural de um grupo social urbano auxiliará a compreender como eles alteram a organização espacial, contribuindo um pouco mais, para o entendimento da complexa rede de relações de uma metrópole, como o Rio de Janeiro.

Ao longo da pesquisa, evidencia-se como paisagens sonoras, formadas por diferentes sons sobrepostos, se alteram no tempo e no espaço, simultaneamente ou não, em função da atuação humana numa cidade.

A análise final diz respeito ao modo como essas paisagens sonoras são apreendidas e entendidas pelos diferentes grupos sociais, gerando as diferentes identidades culturais sonoras na cidade.

ABSTRACT: The research on sounds as a cultural expression of a social urban group will help to understand how they affect the spatial organization, and will be a contribution for a better perception of the complex relations network, that occur in a big city as Rio de Janeiro.

Throughout the research development, it's showed how soundscapes, formed by different overlapping sounds, are modified in time and in space, either simultaneously or not, due to the men actions in a settlement.

The final result is about how these soundscapes are taken and understood by the different social groups, creating different cultural aural identities in the city.

1. INTRODUÇÃO

As intervenções urbanísticas no Rio de Janeiro, geralmente, não abordam os aspectos sonoros e a legislação atua como se todos os sons urbanos fossem poluentes, apenas quantificando o nível de pressão sonora adequado à cada área da cidade, por similaridade com o zoneamento, diferenciando qualitativamente, apenas seis tipos de sons.

É preciso conhecermos muitos dos vários sons da cidade para entendê-los qualitativamente e então valorizá-los no projeto urbano como um elemento que identifica um espaço.

2. A IMPORTÂNCIA DAS SONORIDADES

2.1 O porquê da pesquisa

Atuando como projetista urbano na cidade do Rio de Janeiro e tendo desenvolvido mestrado em acústica arquitetônica, enfocando o som como fenômeno físico, hoje percebo a necessidade de analisá-lo como fenômeno cultural do espaço urbano, pois não há o som desejável ou indesejável, dentro de extremos já conhecidos da salubridade. Gasta-se muito

esforço para defini-los dessa maneira, com o intuito de estabelecer medidas restritivas, sem efeito prático, ou invés de focá-los com identificadores de um espaço.

Trago as questões colocadas por Murray Schafer [1] e Emily Thompson [2] para o nível projetual, acrescentando mais uma forma de leitura do espaço urbano.

Considero que este trabalho tem aplicação direta no diagnóstico urbano, o qual quando desenvolvido corretamente, traz grandes implementações para o projeto. Isto é, o projetista saberá o que investigar sobre os sons, do mesmo modo que investiga a morfologia e as aspirações das diversas partes envolvidas no processo de intervenção urbana.

Para tanto, é preciso saber que sons escutados servem para identificar um espaço urbano, para depois pensar em valorizá-los ou não, através da técnica. Ou ainda, gera base para a criação de novas medidas que recuperem ou preservem sonoridades de valor para um determinado grupo.

2.2 A problemática

Dentro do tema "Os sons da cidade do Rio de Janeiro" objetivo estudar aqueles que são identificadores do espaço urbano.

Partindo da pergunta "que sons estão relacionados à um espaço urbano para um indivíduo, em cada época de sua vida?" identifiquei a problemática de demonstrar que os sons deixam suas marcas "apagadas" nos espaços urbanos que podem ser identificadas por aqueles que vivenciam ou vivenciaram esses espaços, isto é que têm vínculos culturais com esses espaços. Assim chego a problemática "eventos sonoros podem identificar um espaço urbano?". No intuito de obter uma resposta, traço três objetivos específicos:

- 1º - Identificar os sons que são escutados na cidade do Rio de Janeiro por seus cidadãos, em diferentes espaços e épocas;
- 2º - Descrever o contexto de acontecimento de cada som, caracterizando-o como um evento sonoro;
- 3º - Explicar como e porque o evento sonoro identifica um espaço urbano.

2.3 Hipóteses

Acreditando que eventos sonoros possam identificar um espaço urbano, parto para definir que tipos de eventos são capazes desse feito.

Quais são esses sons? Na verdade eles variam em função da fonte, da época, do espaço e do ouvinte, determinando a unidade de pesquisa - evento sonoro, similar à definição de Schafer, mas distinguindo-se por ser um objeto acústico para estudo da cultura urbana. Fonte e espaço são variáveis dependentes de tempo (época), e mais, essas três variáveis estão diretamente relacionadas com a tecnologia gerada por um recurso econômico que altera as fontes transmissoras e os espaços de propagação. O ouvinte é uma variável independente que definirá a coleta dos dados.

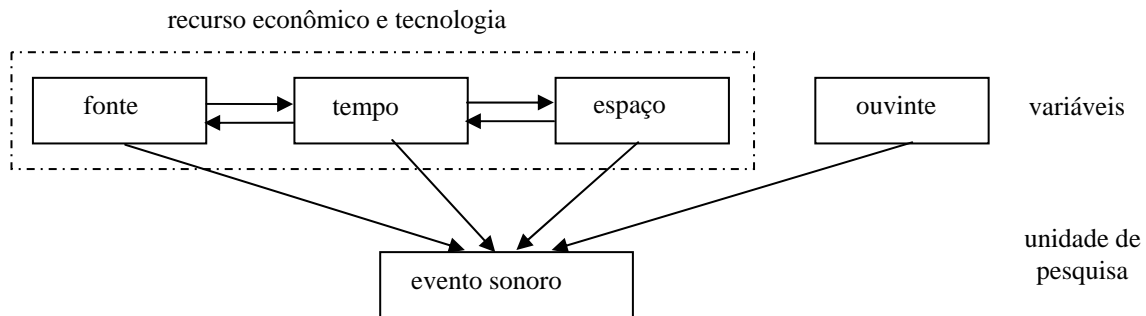


Figura 1 – Relações entre as variáveis da pesquisa

Mas é a forma como são percebidos que fazem com que sejam identificadores ou não de um espaço. Assim, julgando que isso ocorra, eles identificam um espaço em função da frequência com que ocorrem (constantes ou periódicos) e da forma com que são produzidos (humana ou ambiental). A produção ambiental está sendo considerada uma representação cultural, em vista do sítio geográfico da cidade do Rio de Janeiro possuir um valor ontológico para os cariocas - uma cidade litorânea cercada por montanhas e repleta de lagoas.

Tabela 1 – Eventos sonoros identificadores de um espaço urbano

Produção/Frequência	Constantes ou Cotidianos	Periódicos ou Sazonais
Humana	<i>coleta de lixo</i>	<i>festa junina</i>
Ambiental	<i>canto de maritacas</i>	<i>ressacas</i>

2.4 A Reconstrução Sonora

Uma complexidade na investigação, diz respeito à efemeridade sonora. Todo som pertence ao passado, pois nenhum som, por mais que tenha sido produzido há alguns instantes, perdura. Assim, os eventos sonoros serão extraídos de testemunho orais ou escritos, os quais serão legitimados através de documentos comprobatórios, outro testemunho escrito, gravado ou iconográfico, permitindo verificar não só a confiabilidade da informação, mas também a possibilidade de sua generalização. Depois os eventos serão contextualizados historicamente e reorganizados através de mapeamentos em camadas que permita a análise do evento por época, por espaço urbano, por fonte ou por tipo de testemunho; isto é em função de cada uma das variáveis.

A abrangência da pesquisa é resultado da área, do período de tempo e do número de eventos sonoros.

A área delimitada é o núcleo da cidade do Rio de Janeiro, isto é as primeiras áreas de ocupação que já se encontram renovadas no mínimo uma vez.

O período de tempo foi delimitado a partir de 1930, década em que foi definida a primeira lei que tratava do problema de salubridade sonora da cidade, apenas sob a ótica quantitativa de excesso sonoro.

Os eventos sonoros serão levantados em função dos testemunhos, para os quais serão selecionados intencionalmente sujeitos-tipos, moradores de diferentes períodos, para cada um dos bairros da área. Esses testemunhos podem ser dados através da literatura de relatos urbanos - crônicas e contos - ou através de entrevistas.



Figura 2 – Área da pesquisa

3. OS TESTEMUNHOS ORAIS E ESCRITOS

3.1 Os Sons das Crônicas e Contos Cariocas

A literatura vem sendo importante ferramenta na pesquisa da história social e é, sem dúvida, o registro mais rico da memória sonora urbana até os meados do século XX. No Brasil, a literatura vem sendo utilizada em pesquisas do urbano como importante ferramenta. "*O cronista recolhe a aventura cotidiana da cidade, mais do que tudo urbana e, por consequência, da história viva ou vivificada. Assim faz mediante a cooperação da poesia, da ficção, da ironia e, freqüentemente, da sátira mais descontraída* [3]".

Mas o universo de crônicas e contos cariocas é bastante extenso, tendo sido necessário selecionar escritores cuja qualidade literária fosse notoriamente reconhecida, e que descrevam a cidade em períodos diferentes e consecutivos, optando-se por três, a princípio - Marques Rebelo, Rubem Braga e Carlos Heitor Cony.

Abaixo mostro dois exemplos de eventos sonoros extraídos respectivamente de um conto de Marques Rebelo e de uma crônica de Carlos Heitor Cony.

"Dormíamos sem sonhos. Grilos serravam o silêncio do mato atrás da casa. A água do rio era um chiado manso e repousante, batendo nas pedras, escorrendo, escorrendo, com a suavidade ondulante das serpentes." Marques Rebelo in "Dois Pares Pequenos", 1942.

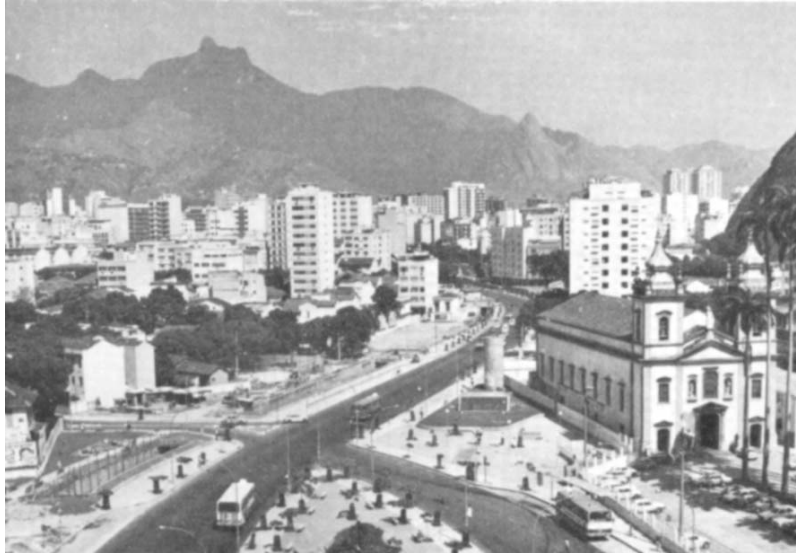


Figura 3 – Maciço da Tijuca ao fundo, palco do evento sonoro descrito na crônica.

"Ao meio-dia, ouço o sino que toca na Igreja da Ressurreição, no final do Posto Seis. Não gosto da igreja, parece uma agência bancária. Mas tem o sino. O poeta Drummond, que morava ali perto, na Rua Conselheiro Lafaiete, também gostava daquele sino. Chegou a escrever ao vigário local, que hoje é bispo em Piracicaba, Dom Eduardo Koiak. Por sinal, entramos no mesmo dia no mesmo seminário. Foram anos de vida em comum até que, ao chegar à teologia, ele foi se doutorar em Roma e eu vim quebrar a cara no mundo - na parte que toca ao diabo." Carlos Heitor Cony in "O Sino do Arpoador", 1998.

3.2 A Memória Sonora dos Cariocas

A memória sonora dos cidadãos será investigada através de entrevistas abertas que seguirão o modelo já aplicado na fase de teste. Com esse modelo pode-se constatar alguns fatos que deverão ser relevados na próxima etapa, tais como:

- (a) As pessoas têm especial prazer em falar dos sons do passado, portanto, ao variar as idades dos entrevistados, os sons de todas as infâncias são descritos prazerosamente;
- (b) As entrevistas em grupo de três geram muito mais lembranças do que as individuais, ou em duplas, porém com mais de três pessoas o rendimento cai;
- (c) O tom totalmente informal com que as entrevistas têm sido conduzidas, mostra bons resultados; muitas vezes as lembranças correspondem aos sons levantados na literatura e as pessoas explicam com detalhes os sons, usando por vezes a onomatopéia;
- (d) As pessoas tem demonstrado um prazer crescente e retornam, livremente, com outras lembranças;
- (e) As lembranças dos sons são, normalmente, acompanhadas de lembranças visuais, e muitas vezes com sensações térmicas e olfativas.

A seguir transcrevo o trecho de uma entrevista que descreve um evento sonoro "muito carioca".

"Olha os sons...um muito forte é o das ondas na praia do Rio, totalmente diferente de outros mares! Um som abafado de tambor, seguido do chiado das bolhas de água estourando, da água penetrando na areia e voltando ao mar. Tudo isso com toques de água forte explodindo nos corpos/pernas dos banhistas...um "ploof" de frescobol aqui, um chute na bola de futebol ou volei acolá...e no fundo o murmurar do papo fiado...olha o mate, olha o picolé, biscoito... Lembro quando estou com saudade, não importa aonde esteja." Entrevista de março de 2004 com cidadão que passou infância e adolescência na zona sul e atualmente reside em Londres.



Figura 4 – O litoral da zona sul carioca.

4. CONCLUSÃO

A pesquisa se encontra na fase inicial de coleta de dados, mas o modelo testado já se mostrou confiável e válido, gerando avaliações qualitativas que permitiram atingir resultados corretos. Foi comum, mesmo na fase experimental, que um mesmo evento sonoro fosse encontrado na literatura e mencionado por cidadãos cariocas.

REFERÊNCIAS

- [1] SCHAFER, R. Murray; *The soundscape - our sonic environmental and tuning of the world*. Destiny Books. Rochester, USA, 1994.
- [2] THOMPSON, Emily; *The soundscape of modernity - Architectural acoustics and culture of listening in America, 1900-1933*. The MIT Press. Massachusetts, 2002.
- [3] PORTELLA, Eduardo; *Machado de Assis, uma revisão*. In-Fólio. Rio de Janeiro, 1998.